

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA: em busca de uma coeducação

Brenda Martinha Caldas Azevedo ¹
Claudia Mendes Ribeiro Moura ²
Elisângela Santos de Amorim ³

INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda as relações de gênero no cotidiano escolar e de como estas contribuem para a desigualdade entre meninos e meninas. Diante disso, partimos por analisar por meio de pesquisa bibliográfica, o que diz a literatura sobre como a escola influencia na reprodução da desigualdade, em relação as perspectivas de gênero e, como a docência vem trabalhando essa temática em sala de aula.

Este estudo busca ainda demonstrar que apesar de algumas pesquisas já realizadas e outras em andamento, o assunto de relações de gênero ainda é muito pouco abordado na educação, contribuindo para o pouco conhecimento por parte dos profissionais dessa área, que acabam possuindo muitas atitudes discriminantes, produzindo e reproduzindo essa desigualdade de gênero na sala de aula.

Este resumo está organizado da seguinte forma: esclarecemos nossa metodologia, pautada numa pesquisa bibliográfica, no segundo momento apresentamos o conceito da categoria gênero que nos permite uma apropriação para o entendimento sobre a desigualdade entre homens e mulheres, baseada numa construção social. Nesse contexto, as concepções de gênero masculino e feminino carregam forte influência na ação do professor, pois é tradicionalmente esperado determinadas “caricaturas” de comportamentos de meninos e meninas que foram construídos socialmente. No terceiro momento, apresentamos nossas discussões sobre o que as autoras levantam, através das análises e sínteses, e por fim, realizamos nossas considerações finais.

Este trabalho mostra que para os profissionais da educação lidar com situações e questões que envolvam as questões de gênero, devem estar preparados para trabalharem esses conceitos e aplicar na própria sala de aula. Para que isso ocorra é necessário que as educadoras/es busquem se apropriar desse conhecimento, seja através de cursos ou palestras, na tentativa de ampliar seu campo de visão e mudar suas atitudes, se tornando “agente de mudança” em busca de uma coeducação.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia aplicada no presente trabalho foi a pesquisa bibliográfica, em livros especializados sobre a temática, no qual obteve como obra principal *Educar meninos e meninas: relações de gênero*, de Daniela Audad, 2006.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, brenda123martinha@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, claudiamendesrib@gmail.com;

³ Professora orientadora: doutora do Departamento de Educação I, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, lysamorim@yahoo.com.br

DESENVOLVIMENTO

Numa perspectiva histórica brasileira, para entender o que a palavra gênero evoca quando é utilizada, na década de 1990 chegou um texto escrito por Joan Scott “Gênero uma categoria útil de análise histórica” que aborda a seguinte descrição “O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres.”(SCOTT, 1989, p.7). Quando são analisadas como socialmente construídas, percebe-se que uma série de características classificadas como “naturais” de homens e mulheres são relações de poder.

A pesquisadora francesa Christine Delphy (apud AUAD, 2006) afirma ser o gênero “um produto social que constrói o sexo”. Ou seja, gênero e sexo não são a mesma coisa embora estejam relacionados. Segundo Audad:

Por isso, o gênero – como um conjunto de ideias e representações sobre o masculino e sobre o feminino – cria uma determinada percepção sobre o sexo anatômico. E então, ter pênis ou ter vagina, ser menina, homem, mulher ou menino, determina quais serão as informações utilizadas para organizar os sujeitos em uma desigual (e irreal) escala de valores. (AUDAD, 2006, P.21)

No âmbito escolar a desigualdade entre os gêneros se constitui de maneira latente. Segundo Audad (2006, p.39) “As diferenças entre meninas e meninos certamente não são naturais. Meninas que aparentam meiguice ou meninos que falam aos gritos são resultantes do modo como as relações de gênero foram construídas na nossa sociedade ao longo do tempo.”

O livro *O descondicionalismo da mulher: educar para a submissão* da autora italiana Elena Belotti apresenta a descrição de um determinado padrão acerca do comportamento masculino e feminino. Assim como está constituído em sociedade, também é observado na escola. De acordo com Belotti (apud AUAD, 2006) o que é esperado de meninos, são características como: dinâmicos, barulhentos, agressivos, indisciplinados e desobedientes. Com relação as meninas ela diz que são: tranquilas, dóceis, servis, disciplinadas e obedientes. Tendo em vista as descrições apresentadas, correspondem a caricaturas, no qual as relações de gênero não se restringem, pelo contrário, vão além, de maneira mais dinâmica. Entretanto, esses traços são tradicionalmente esperados no cotidiano escolar, favorecendo o quadro de desigualdade entre os gêneros.

Mediante a essas questões já levantadas, é importante ressaltar a ação do professor no qual possui fundamental influência na perpetuação ou não da desigualdade de gênero, assim como na própria valorização dos estereótipos do “ser menina” e “ser menino”. A determinada ação apresenta atitudes como modo de olhar até como proceder no momento da avaliação dos seus alunos.

Marília Pinto de Carvalho em seu artigo “*Mau aluno, boa aluna? Como os professores avaliam meninos e meninas*” que faz parte da revista “Estudos Feministas” aborda muito bem sobre esse contexto. Carvalho (2001, p.561) expõe que segundo Walkerdine em sua investigação feita na Inglaterra,

comenta a discrepância na avaliação dos docentes diante de meninos e meninas, cujos comportamentos “não são lidos de uma forma equivalente”: enquanto o bom desempenho escolar das meninas era atribuído ao seu esforço, o desempenho inferior dos garotos era

percebido como não realização de um potencial brilhante devido a seu comportamento ativo, lúdico. (WALKERDINE, 1995, p. 217)

Percebe-se esse tipo de visão por parte dos professores e das professoras, pode ser determinante quanto o sucesso ou o fracasso escolar na avaliação de meninos e meninas. As meninas, seguindo o padrão imposto por elas como submissas e obedientes falham por outro lado, na visão dos professores por não serem criativas, não questionarem tanto ou serem autônomas, como os meninos (CARALHO, 2001, P.562), sendo assim, boas alunas mas não se destacam tanto em comparação aos meninos.

Além disso, é importante que os/as professores/as estejam atentos, quanto a escolha dos livros didáticos, já que de forma indireta eles estão orientando sobre as questões de gênero. Marques (2006, p.213) cita Fonseca afirmando que:

A mulher em geral é discriminada no livro didático. Sua função é ser mãe e cuidar da casa. A mulher não aparece como um ser humano normal que trabalha para o progresso. [...] Poucas vezes a mulher não aparece como mãe e daí ela tem alguma profissão. Mas ela é citada em listas de profissões, no feminino. Trata-se sempre daquelas profissões tipicamente femininas: enfermeira, bordadeira, bibliotecária, professora, datilógrafa, costureira, cozinheira, diretora de escola, babá. (FARIA, 1991: 41-2)

Por outro lado também, “é inegável o destaque à figura do pai enquanto provedor/trabalhador e chefe da família de modo que a figura paterna é caracterizada por dois elementos fundamentais: sustentar o lar e fazer passeios.” (MARQUES, 2006, p.215). Esse tipo de naturalização também é decisiva na construção das referências de gênero que as crianças terão, por isso é de fato essencial que os professores possam se preocupar quanto a escolha de tais livros e em como abordá-los.

Por fim, percebe-se a grande responsabilidade de reflexão quanto as relações de gênero para que se tenha uma prática-pedagógica livre de discriminação. Assim, Auad (2006, p.79) propõe como solução a coeducação, mas “de maneira a questionar e reconstruir idéias sobre o feminino e sobre o masculino” com agentes atuantes em diferentes áreas, seja no âmbito executivo, estadual, municipal, escolar, para assim garantir que essa discussão sobre as relações de gênero e a educação transpassasse todas as políticas de uma sociedade (AUAD, 2006, p.80).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através dessa pesquisa pode-se notar que a partir da década de 1980 várias pesquisadoras brasileiras iniciaram seus estudos sobre relações de gênero com base em pesquisas internacionais. Dessa forma, diante dessa apropriação pode-se perceber a desigualdade entre homens e mulheres na construção social. Essas características são na verdade construídas ao longo dos séculos, segundo a maneira que de que o “masculino” e o “feminino” foram moldados socialmente. Assim, as relações de gênero da maneira como estão organizadas na sociedade, atuam como reprodutoras de desigualdades.

Dessa maneira, a escola como um espaço de socialização, não estaria de fora mediante a essas questões de gênero, porém justamente por ser um espaço educativo é de se esperar que não se tenha discriminações partindo inclusive dos profissionais da educação para com seus alunos, mas a realidade é muito diferente. Por ser um assunto pouco expandido e abordado na educação, muitos professores não possuem

conhecimentos sobre e acabam sendo também reprodutores dessa desigualdade entre homens e mulheres.

Nessa perspectiva, observa-se as diferenças comportamentais de ambos os gêneros de modo estereotipado, diferenças essas que influenciam diretamente o tratamento do professor e sua avaliação com relação aquele aluno. Dessa forma, se alguma aluna é mais agitada, desperta ou desorganizada, ela acaba sendo repudiada pelos próprios educadores por não agir como o “esperado de uma menina”, o mesmo ocorre com os meninos.

Tais atitudes são determinantes para as crianças na construção de suas concepções de “ser garoto” e “ser garota” e suas relações, podendo gerar discriminações entre os mesmos e até problemas emocionais e sociais por não se encaixarem no padrão esperado. Por isso, os educadores devem também atentar para essas questões vigentes. É necessário que a escola realize palestras, cursos com essa temática, debates ou estudos, já que há um grande número de profissionais da educação que compõem esse meio e nunca ouviram a respeito do assunto. Para assim, possibilitar a prática de valores de respeito e igualdade entre pessoas de gêneros diferentes, permitindo que a criança conviva com todas as possibilidades relacionadas ao papel do homem e da mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado este trabalho com o tema “As relações de gênero na escola: em busca de um coeducação” tivemos o objetivo de analisar se a escola influencia a reprodução da desigualdade entre os gêneros masculino e feminino e quais os entraves enfrentados, abordando o conceito de gênero e como ele está organizado na sociedade, de forma a reproduzir a desigualdade entre homens e mulheres.

Fica evidente que a partir da diferenciação estereotipada entre meninos e meninas, a ação do professor se torna discriminatória, reproduzindo esses mesmos estereótipos de gênero, seja no modo de avaliar, seja ao separar meninas e meninos em filas, ao relacionar meninos à atividades que envolvem força, autonomia e criatividade, ao relacionar meninas à atividades que envolvam submissão e fragilidade ou também na escolha dos livros didáticos. Portanto, vimos como essa influência é direta.

Concluímos nesse trabalho que com uma sociedade que reproduz cada dia mais a desigualdade de gênero e padrões estereotipados de como ser homem ou mulher, a escola não deve seguir no mesmo caminho, pois dificilmente tais paradigmas serão rompidos. Deve-se buscar uma coeducação para além da mistura dos sexos, com transformação e reconstrução sobre as relações de meninos e meninas, sendo necessária a capacitação e formação do profissional, a paridade do professorado, uma análise dos livros didáticos e reflexão acerca da interação entre professoras, professores, alunos e alunas.

É fundamental enfatizar o importante papel que a escola na formação das crianças, as quais determinarão os caminhos futuros de nossa sociedade, por isso é de extrema importância o debate acerca das relações de gênero, para que não perpetue a discriminação e o preconceito, para que assim as pessoas se sintam livres para viver com suas diferenças não padronizadas.

Por fim, este assunto tão relevante tem muito mais a ser explorado e mais questões a serem levantadas e debatidas por pesquisadoras e pesquisadores que queiram, como nós se aprofundar e expandir essas questões.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, MARÍLIA PINTO DE. **Mau aluno, boa aluna?: como as professoras avaliam meninos e meninas.** Rev. Estud. Fem. [online]. 2001, vol.9, n.2, pp.554-574.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola.** São Paulo: Contexto, 2006. 96 p.

MARQUES, Mara Rúbia Alves. **Imagens Femininas e Masculinas no Livro Didático: subsídios para um debate teórico-metodológico..** In: MELO, Hildete Pereira de; PISCITELLI, Adriana; MALUF, Sônia Weidner; PUGA, Vera Lúcia.. (Org.). Olhares feministas. Brasília – DF: Ministério da Educação: Unesco, 2006, v. 10, p. 205-217.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica.** Recife: SOS Corpo, 1996.